

**ENSINO DA SEMIOLOGIA A PARTIR DA MOBILIZAÇÃO DOS ALUNOS NO  
CONTEXTO DA PANDEMIA - UM RELATO DE EXPERIÊNCIA****TEACHING SEMIOLOGY FROM THE MOBILIZATION OF STUDENTS IN THE  
CONTEXT OF THE PANDEMIC - AN EXPERIENCE REPORT**

Ivana da Rosa Iesbik<sup>1</sup>  
Aline Haag<sup>2</sup>  
Leonardo Trindade Buffara<sup>3</sup>  
Fernando Tureck<sup>4</sup>

**RESUMO**

A pandemia do COVID-19 trouxe um panorama totalmente desconhecido e cheio de incertezas na formação dos estudantes de medicina. Em curto espaço de tempo, as escolas médicas tiveram que se reinventar e implantar uma nova forma de ensinar medicina frente às medidas sanitárias de contenção da COVID-19, que previam entre outras ações, a suspensão das atividades presenciais tanto teóricas quanto práticas. Com a melhora da pandemia, alunos de medicina mobilizaram-se para a criação de um curso de extensão de semiologia, focado em aulas práticas, como forma de contornar as lacunas criadas pela pandemia. O presente relato de experiência tem como objetivo relatar as atividades realizadas pelos alunos na criação e desenvolvimento do curso de semiologia, bem como a percepção dos alunos que frequentaram o curso sobre o processo de ensino da semiologia. A mobilização dos estudantes que propuseram o projeto de extensão e atuaram como monitores permitiu que os alunos participantes das atividades pudessem ter um maior contato com os pacientes e desenvolvessem as suas habilidades para realizar anamnese, exame físico e raciocínio clínico. O feedback desses alunos demonstra a importância de buscar alternativas para contornar a suspensão das aulas presenciais, principalmente em disciplinas em que a vivência prática é fundamental.

**Palavras-chave:** COVID-19; Semiologia; Ensino Médico

---

<sup>1</sup>Médica graduada pela Universidade do Contestado. Santa Catarina. Brasil. E-mail: [ivanaiesbik@gmail.com](mailto:ivanaiesbik@gmail.com).  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9403-7984>

<sup>2</sup>Médica graduada pela Universidade do Contestado. Santa Catarina. Brasil. E-mail: [aline.haag@aluno.unc.br](mailto:aline.haag@aluno.unc.br).  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1204-636X>

<sup>3</sup>Médico formado pela Universidade do Contestado. Santa Catarina. Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3272-5693>

<sup>4</sup>Médico graduado pela PUC-PR, Especialista em Clínica Médica pela Unifesp-EPM; Mestre em Ciências da Saúde – Saúde Coletiva pela Unifesp-EPM. Docente do curso de Medicina da Universidade do Contestado. Santa Catarina. Brasil. E-mail: [fernandotureck@gmail.com](mailto:fernandotureck@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5583-1088>

## ABSTRACT

The COVID-19 pandemic brought a totally unknown scenario full of uncertainties in the training of medical students. In a short period of time, medical schools had to reinvent themselves and implement a new way of teaching medicine in the face of sanitary measures to contain COVID-19, which included, among other actions, the suspension of face-to-face activities, both theoretical and practical. With the improvement of the pandemic, medical students mobilized to create an extension course in semiology, focused on practical classes, as a way to overcome the gaps created by the pandemic. This experience report aims to report the activities carried out and by the students in the creation and development of the semiology course, as well as the perception of the students who attended the course about the semiology teaching process. The mobilization of students who proposed the extension project and acted as monitors allowed students participating in the activities to have greater contact with patients and develop their skills to perform anamnesis, physical examination and clinical reasoning. The feedback from these students demonstrates the importance of seeking alternatives to get around the suspension of face-to-face classes, especially in disciplines where practical experience is essential.

**Key words:** COVID-19; Semiology; Medical education.

**Artigo recebido em:** 31/08/2023

**Artigo aceito em:** 25/06/2024

**Artigo publicado em:** 25/06/2024

Doi: <https://doi.org/10.24302/rmedunc.v3.5001>

## 1 INTRODUÇÃO

A semiologia é a disciplina que estuda as técnicas essenciais para a obtenção e interpretação de sinais e sintomas por meio da anamnese e exame físico, sendo consideradas uma das habilidades mais importantes na formação do médico<sup>1,2</sup>. Apesar de toda a relevância que possui a semiologia médica, nota-se a dificuldade dos alunos dos cursos de medicina em realizar de forma correta a parte teórica ou prática envolvidas na anamnese e exame físico dos pacientes.

Médicos com treinamento adequado conseguem por meio da anamnese e do exame físico diagnosticar cerca de 80% das doenças que acometem a população, o que torna a semiologia uma das ferramentas clínicas mais importantes na atuação médica. A maior acurácia no diagnóstico clínico permite com que os médicos possam selecionar de forma mais efetiva os exames complementares mais adequados a cada caso, e desta forma não oneram de forma desnecessário pacientes e sistemas de saúde públicos ou privados<sup>3</sup>.

A pandemia do COVID-19 trouxe um panorama totalmente desconhecido e cheio de incertezas na formação dos estudantes de medicina. Em curto espaço de tempo, as escolas médicas tiveram que se reinventar e implantar uma nova forma de ensinar medicina frente às medidas sanitárias de contenção da COVID-19, que previam entre outras ações, a suspensão das atividades presenciais tanto teóricas quanto práticas. Neste sentido, as aulas da disciplina de semiologia ficaram restritas a aulas teóricas, e posteriormente aos laboratórios de habilidades e simulações realísticas. Somente no primeiro semestre de 2021, houve a possibilidade de retorno dos alunos de semiologia às aulas práticas em que há contato direto com pacientes devido à flexibilização das medidas de distanciamento social após o início da vacinação contra a COVID-19.

Desta forma, várias estratégias foram adotadas tanto por professores quanto por alunos de medicina para evitar o desenvolvimento de déficits no aprendizado da semiologia. Neste sentido, o objetivo deste relato de experiência é descrever um projeto de extensão de ensino de semiologia, desenvolvido a partir da mobilização de alunos, no intuito de suprir a falta das aulas práticas decorrente das medidas sanitárias de combate ao Covid-19.

## **2 RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Após o retorno das atividades presenciais em uma Instituição de Ensino Superior do Estado de Santa Catarina, um grupo de alunos do 7º período do curso de medicina, mobilizou-se para a elaboração de um projeto de extensão, visando o ensino da semiologia, com ênfase em atividades práticas em ambiente hospitalar e ambulatorial, de forma que pudesse ser complementado o ensino da semiologia, a fim de minimizar o impacto da pandemia do COVID-19 no processo de aprendizado dos alunos.

O projeto contou com a realização de 08 módulos, totalizando 40 horas de atividades teóricas e práticas, em que os alunos proponentes do projeto atuaram como monitores, realizando as atividades de ensino com a orientação de professores médicos, especialistas de diversas áreas, que atuaram como voluntários. Previamente a pandemia de COVID-19, o ensino da semiologia ocorria nesta instituição no terceiro período do curso, de forma presencial com aulas teórica e práticas, em hospital e laboratórios de simulação realística. Foram selecionados para participar das aulas alunos do 4º ao 7º período do curso de medicina, em especial, aqueles que tiveram as práticas suspensas pelas restrições sanitárias, selecionados através do índice de rendimento acadêmico.

Foram respeitadas todas as normas de prevenção em relação a transmissão da COVID-19, nas atividades práticas em que houve contato direto com os pacientes, com ênfase na utilização de máscaras N95 e PFF2 e higienização abundante das mãos, não sendo relatado nenhum caso de infecção pelo COVID-19 de acadêmicos que participaram do projeto. O curso de extensão de semiologia teve duração de um ano, contemplando oito ciclos, cada ciclo correspondia à semiologia direcionado à um sistema ou órgão, sempre com duração de um mês. As aulas foram distribuídas em atividades com duração de até 4 horas, contemplando atividades teóricas e práticas como aulas expositivas e interativas sobre os conceitos teóricos, simulação de atendimento semiológico realizada pelos monitores e tutoriada pelo professor voluntário, aprendizagem baseada em problemas e atividades práticas com atendimento ao paciente. Todas as atividades eram realizadas sob tutoria do professor voluntário juntamente com os monitores.

Todo o projeto de extensão que incluía uma pesquisa sobre a percepção dos alunos de medicina sobre o processo de ensino-aprendizagem de semiologia foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Contestado através do parecer número 4.667.119 e foi realizado conforme as normas da resolução número 466/2021 que regulamenta as pesquisas com seres humano.

### **3 DISCUSSÃO**

As aulas práticas de semiologia fazem parte do componente curricular no curso de medicina e em diversas universidades o percentual de carga horária destinada ao aprendizado prático varia, mas todas levam em consideração a relevância da prática na disciplina de semiologia, que é fundamental para o desenvolvimento da habilidade de realizar de forma minimamente adequada a anamnese e exame físico no paciente<sup>4,5</sup>.

Apesar da necessidade de fomentar estratégias para a construção do aprendizado em cenários de prática, percebe-se que em regra, os estudantes de Medicina do currículo tradicional não têm contato com pacientes durante os dois primeiros anos de curso na maioria das universidades brasileiras, nas quais ainda vigora, em geral, a estrutura de ciclos básico e clínico, o que deve favorecer ao surgimento de sentimentos negativos em relação aos primeiros contatos com os pacientes<sup>6</sup>.

A pandemia por Covid-19 comprometeu o aprendizado e desenvolvimento dos acadêmicos de medicina, pois diversas instituições de saúde fecharam temporariamente suas portas para estágios e aulas práticas. Essa redução na oferta de campos de estágios e aulas

práticas em enfermarias ou ambulatórios diminuiu o tempo de atividade prática dos acadêmicos que muitas vezes tiveram que adotar um roteiro de anamnese com entrevista fechada, com perguntas diretas, para ganhar tempo, o que limita a conversa com o paciente<sup>8,9</sup>.

Estudos revelam que a maioria dos alunos sentem insegurança e medo nos primeiros contatos com o paciente hospitalizado. Pode-se considerar também, que é cada vez mais frequente alunos muito jovens no curso de medicina, muitas vezes ainda adolescentes, aptos intelectualmente, mas ainda sem experiência específica do ponto de vista psicossocial, e a necessidade do aluno de lidar sozinho com a angústia gerada na sua formação causa um prejuízo em sua aprendizagem<sup>7,9,10</sup>.

Uma pesquisa realizada com alunos da Universidade da Paraíba, do curso de Medicina procurou identificar, em relação a disciplina de semiologia, quais as dificuldades encontradas na abordagem clínica inicial do paciente, sentimentos apresentados perante o exame clínico, receptividade do paciente, opinião sobre a participação de pacientes nas aulas, repercussão das aulas práticas sobre estes, reações próprias diante de desconforto apresentado pelos pacientes, entre outras questões relacionadas. Participaram do estudo 105 alunos, com idade entre 20 e 24 anos ( $21,0 \pm 1,1$ ), 59 (56,2%) do sexo masculino, e ao concluírem a disciplina, 76 (72,4%) afirmaram sentimentos positivos ao terem que realizar o exame clínico (satisfação, confiança, curiosidade), enquanto 36 (34,3%) ainda reportaram sentimentos negativos (insegurança, medo). A grande maioria dos alunos relatou que ao participarem das aulas práticas do curso, os pacientes obtêm benefícios 51 (48,6%) ou não obtêm prejuízos nem benefícios 30 (28,6%). Quarenta e três alunos (40,9%) revelaram ter presenciado desconforto físico com piora dos sintomas nos pacientes durante as aulas práticas, momentos em que 43 (62,7%) referiram sentir compaixão ou tristeza<sup>9</sup>.

Na anamnese, o médico constrói os laços de confiança e respeito, que vão ficando cada vez mais sólidos se ele tiver consciência de que a entrevista não tem apenas um componente técnico, organizado para identificar sinais e sintomas, mas constitui acima de tudo uma relação interpessoal. A coleta de dados se faz importante, pois além da história da doença, o paciente muitas vezes conta sua biografia, na qual se encontra o que o caracteriza como pessoa<sup>11</sup>.

Percebe-se assim as dificuldades dos alunos, principalmente no desenrolar da anamnese e no exame físico frente ao paciente e conseqüentemente dificuldade no raciocínio clínico, quando relato pelos alunos durante as aulas do projeto de extensão no projeto de extensão: “Eu tinha dificuldade e receio em não saber direito o que perguntar para o paciente, ou faltar alguma informação importante e sobrar informações desnecessárias [...]”.

Outro ponto importante foi o receio que os alunos sentiam em não conseguir colocar em prática o conteúdo proposto em aula teórica, como os alunos relataram: “A gente sempre fica com um pouco de medo da prática, porque a gente nunca sabe como vai ser [...] como a gente faz ambulatório tem um pouco disso de não saber o que fazer”.

Em um estudo realizado com acadêmicos de medicina, que realizavam a cadeira de Semiologia Médica, observou-se a percepção de incompetência que se revela através do relato dos acadêmicos em sentir, relativamente à incapacidade de entrevistar, direcionando a anamnese para as questões de um roteiro que, para eles, prejudica a relação com o paciente, porque prendem-se a um roteiro cujo sentido não compreendem, quando na realidade a literatura revela que uma boa entrevista e a relação entre médico e paciente decorrem da habilidade de saber conversar e, principalmente, ouvir<sup>7</sup>.

Outro dado observado, foi que, os alunos que já haviam tido contato com determinada disciplina, apresentavam mais facilidade no desenvolvimento da anamnese e exame físico, em contra partida, os módulos que os alunos não tiveram contato prévio, acabaram se tornando os mais difíceis: “Acho que a parte abdominal, até porque a gente já teve isso na cadeira de semiologia, tivemos o módulo de gastro, fomos para o ambulatório [...] acho que foi esse foi o módulo que mais me sinto preparada”.

É importante o contato precoce dos alunos de medicina com pacientes, auxiliando no desenvolvimento de uma anamnese e de um exame físico completo, que proporcionará mais segurança tanto para o acadêmico quanto para o próprio paciente: “[...] eu acho que me deu uma base muito melhor para fazer uma anamnese, não tinha tanto problema, mas me deu uma base para fazer o exame físico [...] melhorou 80% do que eu sabia, porque eu sentia um déficit muito grande nessa parte até pelo tempo da matérias, pois seis meses é muito pouco para desenvolver a matéria inteira”.

Estudo realizado com 89 escolas médicas dos Estados Unidos, Canadá e Porto Rico indicou que a conciliação da teoria, prática com pacientes, simulações realísticas, e observações dos professores com pacientes, tiveram um feedback positivo no ensino médico<sup>12</sup>. O que colabora com a metodologia empregada pelo projeto de extensão em semiologia.

Ao longo do projeto e das entrevistas avaliativas, observou-se que os acadêmicos encontraram mais dificuldade na semiologia da especialidade ginecológica obstetrícia, o que pode ser explicado pelo fato de que os acadêmicos que participaram do projeto ainda não haviam cursado a disciplina de Ginecologia e Obstetrícia que sabidamente possui peculiaridades e toda uma metodologia diferente de exame físico das demais áreas médicas.

Nesse sentido, um estudo americano demonstrou que o estágio em ginecologia obstetrícia é a segunda especialidade que mais apresenta diagnósticos e tratamentos equivocados pelos acadêmicos, com aproximadamente 25% deles relatando pelo menos um episódio de erro durante o estágio<sup>13,14</sup>.

#### **4 CONCLUSÃO**

As aulas práticas, em especial em disciplinas como semiologia, formam um importante eixo na construção do conhecimento, sendo de fundamental importância a busca de alternativas para contornar a suspensão das aulas presenciais em ambientes hospitalares e ambulatoriais decorrentes das medidas de enfrentamento à COVID-19. A mobilização dos estudantes que propuseram o projeto de extensão e atuaram como monitores permitiu que os alunos participantes das atividades pudessem ter um maior contato com os pacientes e desenvolvessem as suas habilidades para realizar anamnese, exame físico e raciocínio clínico. O feedback desses alunos demonstra a importância de buscar alternativas para contornar a suspensão das aulas presenciais, principalmente em disciplinas em que a vivência prática é fundamental. Além disso, os alunos que atuaram como monitores puderam desenvolver conhecimentos relacionados a prática docente, como planejamento de aulas, avaliação do conhecimento e didática.

#### **AGRADECIMENTOS**

O presente trabalho foi realizado com apoio do Programa de Bolsa de Mérito da Universidade do Contestado - UNC.

#### **REFERÊNCIAS**

1. Goulart BNG, Chiari BM. Humanização das práticas do profissional de saúde: contribuições para reflexão. *Ciêns Saúde Colet*, 2010;15(1); 255–268.
2. Porto CC. Exame clínico. 2. ed. Guanabara Koogan, Rio de Janeiro; 1992.
3. Roshan M, Rao AP. A study on relative contributions of the history, physical examination and investigations in making medical diagnosis. *J Assoc Physicians India*. 2000 Aug;48(8):771-5.

4. Midão CMV, Ruiz-Moreno L. O ensino da semiologia nas escolas médicas do Estado do Rio de Janeiro. *Rev. bras. educ. med.* 2010;34(1);397–405.
5. Santos JB, Pires LL, Silva AE, Castro CN. Reflexões sobre o ensino da semiologia médica. *Rev. bras. educ. med.* 2010;(27); 147–52.
6. Quintana, AM. A angústia na formação do estudante de medicina. *Rev. bras. educ. med.*, Rio de Janeiro, v. 32, n. 1, p. 7-14, mar. 2008.
7. Costa GPO, Herculano TB, Gama ALH, Cabral RP, Campos DB, Oliveira DNS de. Enfrentamentos do estudante na iniciação da semiologia médica. *Rev. bras. educ. med.* 2018; 42; 79–88.
8. Aviz GB de, Guimarães GF, Acatauassú Nunes LM, Tuma Martins GM, Eguchi BS, Cardoso AAM. Impacto do curso de habilidades clínicas no conhecimento de semiologia médica dos estudantes de medicina. *Rev Bra de Edu e Saude.* 2020;10(3):73-8.
9. Sousa-Muñoz RL de, Silva IBA, Maroja JLS. Experiência do estudante de semiologia médica em aulas práticas com o paciente à beira do leito. *Rev. bras. educ. med.* 2011; 35: 376–81.
10. Pricinote SCMN, Gomes ALS, Monteiro Filho A, Silva BLW, Souza Junior RE de, Ferreira DM, et al. Percepção discente sobre o ambiente educacional da disciplina de semiologia médica. *Rev. bras. educ. med.* 2020; 44(1): e012. <https://doi.org/10.1590/1981-5271v44.1-20190204>
11. Association of American Medical Colleges. Contemporary issues in medicine. Report III of medical school objectives project. Washington (DC): Association of American Medical Colleges;1999.
12. Costa GPA. Dificuldades iniciais no aprendizado do exame físico na percepção do estudante. *Rev. bras. educ. med.*, Brasília. 2020; (1): e027.
13. Oser TK, Haidet P, Lewis PR, Mauger DT, Gingrich DL, Leong SL. Frequency and Negative Impact of Medical Student Mistreatment Based on Specialty Choice Academic Medicine. Ovid Technologies (Wolters Kluwer Health). 2014. p. 755–61.
14. HENRY-KNIGHT, R. H. ¿Es la aplicación de la Semiología Médica una vía de prevención del error médico?. *Rev. inf. cient.*, Guantánamo. 2020; 99(1):1-2 feb.